

## VITOR CESAR E ENRICO ROCHA

ARTISTAS CONVIDADOS

### Disposição subjacente

“Quem imagina a cidade?” é o questionamento aberto pelo projeto *Descrito como Real*, de Vitor Cesar e Enrico Rocha, com os colaboradores Carol Tonetti, Cidadão Instigado, Fernanda Porto, Fernando Stutz, Ligia Nobre e Renan Costa Lima. Todos os cidadãos podemos imaginar a cidade e transformá-la com nossos desejos, usos e agires, porém alguns atores – a exemplo do Estado e do mercado imobiliário – têm ferramentas muito potentes e dominantes nesse jogo de forças desigual.

Em diferentes territórios do Brasil, foram propostos na última década por meio de parcerias público-privadas, megaprojetos de infraestrutura – entendida como rodovias e viadutos para automóveis, aeroportos, VLTs, estádios, conjuntos habitacionais periféricos e outros equipamentos – justificados por narrativas “desenvolvimentistas”. Muitos dos projetos infraestruturais são atravessados por ficções irracionais, obstrução de informações, concentração de poder autoritário e atividades não declaradas. Contrautopias totalmente alheias ao caos urbanístico, às contradições e segregações socioterritoriais vividas nas cidades brasileiras. Promessas de cidades rápidas, limpas, eficazes são “ofertadas” por meio de ferramentas de *city marketing*, particularmente os *renderings* – produzidos para circularem em telas de computadores, tvs, celulares e outros dispositivos. Representação visual preponderante, essas imagens computacionais de modelagem tridimensional apresentam um projeto como se já estivesse pronto, decidido, descrito como real. *Renderizações* espetaculares e aliciadoras de um futuro definido a priori (sem debates públicos) que configuram um visível que não faz ver.

No âmbito do cidadão, como podemos ampliar o entendimento de infraestrutura e do que está em jogo na imaginação e construção das cidades? A urbanista Keller Easterling tem investigado as tecnologias espaciais infraestruturais na paisagem política global no século XXI<sup>1</sup>. Mais do que cabeamentos e encanamentos, viadutos ou rodovias, infraestrutura compreende as ondas entre satélites e aparelhos eletrônicos e os padrões (*standards*) que regulam os nossos espaços cotidianos – com suas fórmulas repetidas como subúrbios, rodovias, *resorts*, shopping centers, entre outros. *Easterling* investiga o espaço infraestrutural como um sistema operacional que formata a cidade e torna algumas coisas possíveis e outras impossíveis por parte dos atores público e privado implicados. Por isso é fundamental, como aponta a autora, distinguirmos entre o que estão dizendo e o que estão fazendo, isto é, as diferenças entre a intenção declarada (por exemplo, os discursos e imagens renderizados) e a disposição subjacente (as dinâmicas, interesses e forças em jogo).

*Descrito como Real* é uma operação que joga com a “ambiguidade das semelhanças e a instabilidade das dessemelhanças”<sup>2</sup> entre imagens e linguagens das artes visuais, música pop e do *city marketing* na esfera pública. No vídeo realizado para o projeto, fragmentos de imagens-vídeos renderizadas produzidas pelo poder público para a divulgação de megaprojetos futuros para a capital cearense, e outras do planeta Terra e do cosmos, são apropriadas e contorcidas, repetidas, *pixeladas*, explodidas, saturadas, tornadas “defeituosas”, aproximando-se e se distanciando da música que canta Fortaleza como ficção científica da banda Cidadão Instigado.

Diversos elementos compõem a experiência espacial do projeto, que prescinde de paredes. Uma estrutura cônica de arestas direciona o nosso olhar e ouvidos para o monitor com o vídeo em *looping* com o som da música *Ficção Científica*. Os fragmentos de *renderings* dos futuros projetos se materializam virtualmente muito mais rápido que a velocidade do letreiro de ponto de ônibus. Letreiro suspenso, onde lemos e captamos fragmentos do texto crítico em diálogo com o projeto, próximo a um tablado baixo que nos convida a sentar ou deitar, brincar e dançar. Um banco comprido articulado a um suporte vertical com dois cartazes e um grande painel com o título complementam e comunicam a linguagem gráfica e imagética do projeto. As experiências de *Descrito como Real* ecoam a reflexão do filósofo Jacques Rancière em *Destino das Imagens*, em que “a arte da instalação faz agir uma natureza metamórfica, instável, das imagens. Estas circulam entre o mundo da arte e da imageria. São interrompidas, fragmentadas, recompostas por uma poética do chiste que busca instaurar entre esses elementos instáveis novas diferenças de potencial”<sup>3</sup>.



As relações entre o título do projeto, o dispositivo espacial (e nas redes sociais), o vídeo e a música, os eventos e as ativações, nos instigam como espectadores-cidadãos a questionarmos o que nos é automaticamente e “definitivamente” ofertado, e a imaginarmos e ativarmos cidades outras daquela dominante do *city marketing*. *Descrito como Real* nos faz ver as diferenças entre a “intenção declarada” e a “disposição subjacente” de quem imagina o quê, com quem e como, para a cidade de Fortaleza, entre muitas outras na contemporaneidade.

<sup>1</sup> Easterling, Keller. *Extrastatecraft: The Power of Infrastructure Space*. New York: Verso, 2014.

<sup>2</sup> Rancière, Jacques. *O Destino das Imagens*. Tradução Monica Costa Neto. Org. Tadeu Capistrano. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012. p.34

<sup>3</sup> Rancière. *Ibidem*. p.35 : “Trata-se, por um lado, de transformar as produções finalizadas, inteligentes, da imageria em imagens opacas, estúpidas, que interrompem o fluxo mediático. Por outro lado, de despertar os objetos úteis adormecidos ou as imagens indiferentes da circulação midiática para suscitar o poder dos vestígios de história comum que eles comportam.”

Ligia Nobre

*Descrito como real*, 2015